

Eixo Temático: Educação, Diversidade e Justiça Social

Categoria: Trabalho completo

CAUSAS “IMPROVÁVEIS” DO INGRESSO EM CURSOS SUPERIORES DE MAIOR DEMANDA NA UFSC: UM ESTUDO SOBRE JOVENS DAS CAMADAS POPULARES

Marilu Diez LISBOA¹ – UNIPLAC

Francini Scheid Martins² – UFMG

Resumo: Este estudo apresenta resultados de pesquisa realizada junto a jovens egressos do Curso Pré-Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, ingressos em cursos de graduação de maior demanda, a saber, Direito, Engenharias e Medicina, nesta universidade, por meio do “dispositivo meritocrático” vestibular. Foi realizado um estudo de caso do referido Curso, por meio de entrevistas com nove egressos, bem como levantamento histórico tendo por base documentos sobre o mesmo, em seus nove anos de existência. A pesquisa apresentada inspira-se em um movimento das investigações sociológicas, nas quais as análises voltam-se para o perfil socioeconômico dos estudantes que frequentam as universidades públicas brasileiras, pertencentes às classes sociais menos favorecidas socioeconomicamente e pessoas negras. Estes grupos representam um baixo volume de estudantes que ingressam em universidades públicas e, também, em cursos de alta procura, evidenciando as desigualdades educacionais face à diferenciação e hierarquização entre o poder socioeconômico e as carreiras universitárias. A partir dos relatos dos jovens foi possível realizar um estudo de trajetórias tentando identificar os significados do prolongamento da escolarização e as “causas do improvável”.

Palavras Chaves: Democratização do acesso ao Ensino Superior, Pré-Vestibular da UFSC, Trajetórias improváveis.

Introdução: Situando o problema

A busca por ensino de nível superior, concretizada pelo acesso à universidade, faz-se cada vez mais importante no contexto contemporâneo. No Brasil é crescente o contingente de jovens, homens e mulheres, que pretendem uma qualificação pessoal e profissional que lhes garanta uma vida cidadã, que propicie melhores chances quanto ao ingresso e à permanência no mundo do trabalho. No entanto, observa-se que os jovens brasileiros pertencentes às classes sociais mais favorecidas socioeconomicamente e culturalmente, os estudantes de escolas particulares, constituem a maioria dos que ingressam nas universidades, vencendo a seleção acirrada do “dispositivo meritocrático”³ vestibular e também obtendo uma boa classificação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Na realidade, são raros os alunos pertencentes ao sistema público de ensino, os de classes sociais de baixa renda, que conseguem ter acesso

¹ Pós-Doutorado em Educação (2013) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora (2002) e Mestre (1995) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIPLAC.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (2013) e Graduada em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional pela mesma universidade (2011).

³ Para melhor conhecimento sobre a questão do vestibular como “dispositivo meritocrático” ver a dissertação de Sato, Silvana Rodrigues de Souza, intitulada: Concurso Vestibular: um dispositivo meritocrático de seleção para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina defendida em 2011 e disponível em <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0888-D.pdf>>.

ao ensino superior, evidenciando, assim, as desigualdades educacionais face à diferenciação e hierarquização entre as carreiras universitárias (ZAGO, 2006).

Isto ocorre, entre outras razões, por: ineficiência e ineficácia da escola pública brasileira⁴, que não os prepara para o nível de conhecimento exigido para essa seleção, ou mesmo para frequentarem com base efetiva de conhecimento o ensino superior, salvo raras exceções e por necessidade de manutenção econômica, que garanta o próprio sustento e em muitos casos da família desses jovens, o que os obriga a ingressarem no mundo do trabalho precocemente e, como consequência, a se evadirem da escola ou estudarem com maior limitação de tempo e aproveitamento.

Constata-se no país uma inversão de posições sociais com relação à educação de nível superior: na maioria dos casos os jovens pertencentes às classes sociais mais privilegiadas frequentam as universidades públicas e os menos favorecidos econômico e socioculturalmente ou não alcançam esse nível de ensino, pela falta de preparo efetivo, ou o fazem após ter ingressado no mundo do trabalho, custeando seus estudos em faculdades ou universidades privadas. Isto ocorre em função dos mais favorecidos economicamente frequentarem escolas particulares na sua formação básica, instituições estas que estão melhor preparadas e aparelhadas para fornecerem as bases para o ingresso no ensino superior.

Como complemento a esta discussão, e tendo em vista a concorrência acirrada quanto ao ingresso à universidade, cabe assinalar a importância da frequência dos candidatos ao ingresso às universidades brasileiras aos cursos pré-vestibulares, sendo eles em maioria alunos de escolas particulares.

Em anos mais recentes observa-se no país uma preocupação em contemplar com a possibilidade de ingresso à universidade jovens que frequentam o sistema público de ensino, como forma de garantir uma maior igualdade nesse processo. Entre outras medidas, para tentar reverter ou superar esta situação foram implantadas as Políticas de Ações Afirmativas (PAAs), num primeiro momento caracteristicamente difusas e diversificadas, voltadas muito mais à questão da etnia do que a aspectos sociais e econômicos da população.

Apesar do círculo vicioso historicamente construído, no qual a pobreza e a escolaridade de curta duração são sinônimos, é crescente o número de jovens que conseguem transpor as barreiras impostas pelo “dispositivo meritocrático” vestibular e chegar às portas da universidade pública. Portanto, este estudo contempla as preocupações, na qual os jovens ocupam um novo espaço nas pesquisas sociológicas que voltam-se não mais apenas para as regularidades estatísticas, apoiando-se em dados que evidenciam um conjunto de condições capazes de explicar os percursos inesperados de longevidade escolar nas camadas desfavorecidas socioeconômico e culturalmente.

⁴ Temos ciência que esta é uma questão complexa e que é temerário fazer afirmações desse teor sem entrar no mérito do problema apontado. Contudo, devido à limitação de tempo e de espaço, esta discussão não será objeto de nossas preocupações neste momento. Apenas alertamos que temos presente que é um assunto polêmico e que mereceria tratamento cuidadoso para não sucumbir a estereótipos e polarizações.

Portanto, o estudo ora proposto propõem-se analisar trajetórias⁵ escolares desenvolvidas por estudantes egressos do curso *Pré-vestibular da UFSC - Inclusão para a vida*⁶ que ingressaram em cursos de graduação de maior demanda na UFSC.

Essas trajetórias, que notadamente superam as condições preestabelecidas – socioeconômicas e culturais – sendo enfocadas no presente estudo aquelas que dificultam o acesso à universidade pública e, principalmente, aos cursos de maior demanda – são denominadas por Lahire (1997) de trajetórias escolares “improváveis”, e por Zago (2006) de “trajetórias excepcionais”.

Caracterização do estudo: recorte metodológico e sujeitos da pesquisa

As análises centram-se nas trajetórias de estudantes egressos do Pré-vestibular da UFSC, oriundos de camadas desfavorecidas socioeconomicamente que ingressaram em cursos de maior demanda na UFSC. O objetivo circunda a relevância do Curso Pré-vestibular da UFSC na corrida pelo título escolar e o significado do prolongamento da escolarização, de “contrariar seu destino social”. Para tanto, optamos por um viés essencialmente de cunho qualitativo.

Os relatos dos nove jovens, concedidos por meio do instrumento de pesquisa utilizado, entrevista semiestruturada, assumem a condição de matéria prima na tentativa de desvelar quais aspectos são constituídos como determinantes no processo, nos termos de Lahire (1997) seriam as “razões do improvável”.

Foi utilizado como método a análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977) sendo os achados agrupados em categorias.

Os jovens que integram essa análise ingressaram nos cursos de Direito, Engenharia e Medicina na UFSC entre os anos de 2010 e 2012. Objetivando preservar a identidade dos sujeitos pesquisados os nomes verdadeiros não foram utilizados, mas, sim, foi adotado o nome do curso, seguido do número que compõe a ordem da concessão da entrevista.

Pré-vestibular da UFSC: Breve histórico

Fundado em 2003 por Otávio Auler, seu coordenador até o presente momento, o programa Pré-vestibular – Inclusão para a vida ⁷ - foi oferecido pela Pró-Reitoria de Extensão, sendo que atualmente tem a parceria da Secretaria de Estado da Educação (SED). Tem como objetivo a inclusão de jovens e adultos das classes populares na universidade pública. Iniciou com duas turmas de 60 alunos, selecionados entre os 2.700 estudantes, aqueles contemplados com a isenção da taxa de inscrição no vestibular da UFSC. Este benefício é dado aos candidatos com baixa renda familiar que comprovam este status.

⁵ Entende-se por trajetória, na presente pesquisa, a “relação permanente e recíproca entre biografia e contexto, [sendo] a mudança decorrente precisamente da soma infinita destas inter-relações” (Levi, 1996, p. 180).

⁶ O título do projeto “Pré-vestibular da Ufsc – Inclusão para a vida” foi criado para expressar a perspectiva de seu coordenador, Otávio Auler, que pensa ser importante expressar no nome do projeto seu caráter de inclusão, pois, segundo ele, os jovens que frequentam o pré-vestibular da UFSC têm a possibilidade de mudar seu destino social.

⁷ O título do projeto “Pré-vestibular da Ufsc – Inclusão para a vida” foi criado para expressar a perspectiva de seu coordenador, Otávio Auler, que pensa ser importante expressar no nome do projeto seu caráter de inclusão, pois, segundo ele, os jovens que frequentam o pré-vestibular da UFSC têm a possibilidade de mudar seu destino social.

Ao se constituir como um projeto de inclusão social são atendidos estudantes que não dispõem de recursos financeiros e, muitas vezes, de mínimas condições de rotina no cotidiano para frequentar cursos pré-vestibulares convencionais. Além de seu alto custo, estes oferecem aulas diurnas que não permitem a frequência de estudantes trabalhadores, como os jovens menos favorecidos socioeconomicamente. Assim, como um projeto construído sobre uma realidade difícil para quem não tem os recursos para estudar disponíveis, visto sua condição social, o seu crescimento foi vertiginoso.

Em abril de 2009 foi firmada a parceria com a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED), visto a necessidade de incluir estudantes de outros municípios do estado. A partir da parceria, o curso passou a denominar-se Pré-vestibular da UFSC/SED.

No ano de sua fundação, o curso Pré-vestibular da UFSC teve 14% dos seus estudantes matriculados em cursos de graduação das universidades públicas de Santa Catarina, sendo 12% na UFSC e 2% na Udesc. No ano de 2009 mais da metade dos seus alunos obtiveram aprovação nas universidades públicas de Santa Catarina. Em 2011 o índice de aprovação teve um acréscimo considerável, alcançando 58% em universidades públicas do estado de SC. Este índice mostra que a cada dois alunos ingressos nessas universidades, um cursou o Pré-vestibular da UFSC.

No correr dos anos a forma de seleção dos estudantes foi modificada, sendo que atualmente é realizada por meio de um cadastro socioeconômico⁸. Este inclui, além da menor renda familiar, a comprovação de vulnerabilidade social.

O curso Pré-vestibular da UFSC funcionou no Campus desta universidade, em Florianópolis, até 2008. A partir do meio deste ano implantou sua primeira unidade externa fora da capital. Em 2010 sua expansão estendeu-se para 19 cidades catarinenses e o índice de aprovação de seus estudantes em universidades públicas foi de 64%. Em 2011 teve seus bancos frequentados por 3.100 inscritos, com um índice de aprovação de 72% nestas universidades. Em 2012 o número de estudantes foi de 3.200, distribuídos em 29 cidades - totalizando 30 unidades de ensino - contando com 120 professores, 30 bolsistas, 30 assessores pedagógicos e 10 outros profissionais na coordenação geral e suporte administrativo. Além das aulas serem oferecidas com gratuidade, os estudantes recebem as apostilas e demais materiais didáticos. São ministradas aulas de reforço, 'aulões', além de suporte profissional de apoio pedagógico. Esta iniciativa, que vem se consolidando como um modelo, é o curso Pré-vestibular público e gratuito que mais aprova estudantes das camadas populares no Brasil.

Trajetórias escolares na busca pela educação superior

Para reconstituir a trajetória dos jovens interessou-nos investigar o caminho por eles percorrido desde a infância. Sobre o percurso escolar, bem como as escolas frequentadas, destacam-se os relatos que evidenciam uma escolarização transitória e, em diferentes níveis, caracterizando-se como vulnerável. Isto refere-se mais especificamente aos sujeitos pesquisados frequentarem diversas escolas, sendo grande parte delas consideradas por eles como de qualidade inferior. O que fundamenta essas afirmativas são relatos que correspondem ao que

⁸ Para melhor compreender o cadastro socioeconômico utilizado pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis da UFSC - PRAE, pode-se acessar: <www.prae.ufsc.br/arquivos/Cadastro_socio_economico_servico_social.doc>

se tem como estereótipo da escola pública de educação básica no Brasil, como faltas frequentes de professores, sucateamento dos prédios escolares, entre outros. Foi acrescida uma percepção quanto à responsabilidade dos professores no que se refere à escolha dos conteúdos a serem ministrados e dos métodos adotados, exercendo o papel de professor na escola pública e nas particulares. Esses declaram em sala de aula para os alunos as diferenças existentes assumindo, portanto, uma postura de negligência e falta de compromisso com a educação dos jovens menos favorecidos socioeconomicamente. A fala do entrevistado “Engenharia 3” revela claramente esta questão, embasada na ideia de que professores são funcionários públicos concursados, o que lhes confere responsabilidades indiscutíveis e intransferíveis.

Eu acho falta de noção mesmo das pessoas, elas passaram pra aquele concurso, não tem porque não exercer aquela atividade com competência, é dado de qualquer jeito, e fica todo o mundo com nove e dez, é isso aí. Trabalhinho pra cá, trabalhinho pra lá, uma avaliação bimestral, duas avaliações bimestrais e de resto trabalhos pra dar nota pra passar todo o mundo, o conteúdo não é dado, enfim... além disso, a carga horária da escola é também insuficiente. No primeiro e segundo ano do E.M. eu tive duas horas semanais de matemática, no colégio particular são seis. No colégio público são duas aulas de filosofia por semana e no particular é uma. **Eu tive no caso uma professora que exaltava o colégio da filha (colégio particular) em detrimento do nosso. Ela estava desautorizando o próprio trabalho. Eu achava assim uma situação bem patética, assim, ela falar em sala de aula. Que é o caso da professora formada na USP (Destaque nosso).**

A entrevistada “Medicina 3” reforça a questão, declarando:

Eu sei que no ensino médio eu tinha sete dez no boletim, porque eu acho que as vezes não refletia muito o que na verdade eu sabia, não tudo bem, tudo que foi cobrado tudo que a gente aprendeu sim, mas é porque depois que eu terminei o terceiro eu vi que faltava muita coisa daí eu mesma me revoltei um pouco com o ensino que eu tive.

E a entrevistada “Engenharia 2”, complementa:

Eu troquei três vezes de terceiro ano, eu passei a trabalhar, eu passei a não querer ir para a escola, às vezes eu ia, mas o ensino era muito fraco, muda muito de uma região para a outra e o interesse dos profissionais também, ali tinha profissional interessado pelo aluno, mas a quantidade era menor e o cronograma de ensino era fraco, tudo que eles estavam vendo eu já tinha visto e eu simplesmente não ia para a aula. Eu chegava assinava presença oral e dizia para o professor: posso me retirar? Eu vou fazer vestibular no final do ano e não posso ficar perdendo tempo... o senhor me desculpe. Ninguém entendia, depois acabava fazendo prova e tirava oito e meio, nove, uma nota razoável para quem não ia para as aulas.

Confirma-se assim o estereótipo da escola pública brasileira, cujo ensino tem sido tratado de forma precária, confirmadamente distante dos conteúdos ministrados e dos métodos adotados nas escolas particulares. A distância referida tem mostrado o abismo de oportunidades de futuro entre a juventude protegida e a juventude socialmente vulnerável, maioria da população do país. Entrar na universidade para o segundo grupo de jovens significa ir muito além de transpor a barreira do vestibular. Significa “contrariar” o “destino” “reservado” socialmente, legitimado por uma divisão socioeconômica de classe. Ainda, em se tratando do contexto brasileiro, agrava-se a situação pela desigualdade constituída historicamente, pelo descaso de quem de dever assume ou teria que assumir a cena pública, incluindo-se aí a educação.

Sabe-se que a partir da década de 1990 as iniciativas de democratização de acesso ao ensino superior vêm modificando a face da universidade. No sentido oposto da lógica vigente, a da reprodução de trajetórias familiares, observa-se que alguns dos estudantes pesquisados romperam o que é corrente em suas famílias, conseguindo ingressar no ensino superior. Esta “façanha” passa pela falta de contato com a realidade que é corriqueira para as classes sociais mais favorecidas socioeconomicamente, uma vez que a juventude menos favorecida não domina os códigos de acesso a determinados locais (BOURDIEU, 1998), o que ocorre no caso do ensino superior. Isto na pesquisa ficou claramente demonstrado quando os sujeitos trazem sobre o que é exigido de esforço para prolongarem sua escolarização. Para além da alienação corrente sobre essa possibilidade existem fatores adversos que somente com muito empenho e até sacrifício foram superados.

Quanto à alienação, entendida como falta de conhecimento sobre a possibilidade de ingresso à universidade, a fala do pesquisado “Medicina 2”, ilustra:

Eu me inclinei mais para medicina no ensino médio mesmo. Não lembro se foi durante o primeiro ou o segundo ano do ensino médio que eu comecei a pensar em fazer medicina, antes eu não cogitava nem fazer universidade, não sabia como era, nem sabia que era de graça a universidade.

Sobre o esforço exigido para que os jovens pesquisados consigam preparar-se e ingressar no ensino superior, “Direito 1” esclarece:

Força de vontade tem que ter né, força de vontade. O cursinho é super importante, é muito importante, pelo menos pra gente que vem de escola pública e o estudo né, se dedicar fora do cursinho, tem que estudar, eu estudava de madrugada. [...]. Não é porque eu não trabalhava, fazia sim uns trabalhos paralelos (faxinas) né, mas não tinha emprego fixo, então eu estudava, as vezes a tarde eu ia pro cursinho, aproveitava tudo aquilo que eu aprendi, chegava em casa estudava novamente, mas foi bem importante, valeu a pena.

Constata-se assim a dimensão do esforço necessário para esses jovens permanecerem no papel de estudantes, o que representa uma inserção mais qualificada no mundo do trabalho. No presente caso, em se tratando de uma universidade federal, os esforços despendidos precedem o ingresso tanto no esforço para superar as deficiências da formação básica que lhes é possível – ensino público – como o empenho que lhes garanta o ingresso e, posteriormente, a permanência na universidade.

Os estudantes entrevistados representam uma classe social onde a inserção ao curso superior é mais rara, sendo alguns deles os primeiros da família a ingressarem nesse nível de ensino. As expectativas das famílias residem invariavelmente em que o jovem ao concluir o ensino médio ingresse no mercado de trabalho para garantir o seu sustento e/ou ajudar no sustento da família. No presente estudo os entrevistados manifestam: “Eu tenho dois irmãos e moro com os meus pais, nenhum dos dois terminaram o ensino médio ainda, eles pararam de estudar e meus pais só têm o ensino médio, apenas isso”. (“Direito 2”)

“Medicina 3”, por sua vez, explicita:

Dos meus primos ninguém fez faculdade, só tenho um primo que está fazendo curso técnico agora, na verdade dois fazem, é que eu tenho por parte de pai que são de Blumenau mesmo, eu tenho uns mais velhos e uns que são mais novos, nós somos em seis primos, a minha irmã e mais quatro primos, então eu tenho um primo mais velho ue está fazendo um curso técnico agora, mas os tios nenhum fez e da parte da minha mãe também ninguém fez.

Da parte de “Direito 3”, a situação assim apresenta-se:

Na minha (família) não existe ninguém que tenha feito ensino superior, eu sou o primeiro e eu sou o primeiro em ingressar em universidade federal, o meu tio mais novo ingressou em uma universidade particular, ele fazia administração na Universidade Estácio de Sá, só que por motivos que me fogem à competência ele acabou desistindo, eu soube que o meu primo, para a minha surpresa, estava fazendo também administração na Estácio de Sá, mas por ele ter se dado muito bem no ramo de venda de imóveis e tal, daí ele acabou desistindo também, ele acabou priorizando mais o emprego dele, a minha prima faz uma faculdade à distância, que não é concluída também na UNIASSELVI acho que é. Fora isso, não tenho grandes referências de ensino superior na minha família.

O papel do Pré-vestibular da UFSC na trajetória dos sujeitos de pesquisa

Cabe salientar o papel que o Curso Pré-vestibular da UFSC desempenha para o ingresso desses jovens à universidade. Em estudo anterior das pesquisadoras com os sujeitos da presente pesquisa, são descritas as percepções sobre a importância do referido Curso, que para a quase totalidade dos estudantes é considerado como determinante ao ingresso na universidade.

A escolha pelo Curso Pré-vestibular da UFSC foi realizada, segundo os entrevistados, por questões ligadas ao fato de ser gratuito, uma vez que não teriam possibilidades de custear um Curso Pré-vestibular privado. Outro aspecto importante reside na qualidade do curso visto estar funcionando dentro de uma universidade pública federal prestigiada o que lhe dá, a princípio, credibilidade. Quanto ao índice de aprovação em universidades públicas da Região Sul os respondentes não se manifestaram.

Segundo os entrevistados os fatores considerados como determinantes para o ingresso no ensino superior centram-se em: a preparação por meio dos estudos, terem frequentado o Curso Pré-vestibular da UFSC; esforço próprio, entendido como uma díade: mérito e igualdade de oportunidades; o compromisso, capacidade empática e o apoio dos professores; contarem com o apoio da família.

No que concerne à formação oferecida pela educação básica, os relatos dos entrevistados que frequentaram escolas por eles consideradas e legitimadas pelo sistema de avaliação do MEC como de qualidade superior evidenciam uma contribuição na preparação para o vestibular. Entretanto, fica claro que estas não propiciam os conhecimentos necessários para a aprovação no vestibular, tanto que se fez necessária a busca pelo Curso Pré-vestibular da UFSC. As falas dos estudantes demonstram: “A preparação além de tudo, desde o Colégio Militar que também é muito bom”. (“Engenharia 1”)

Sempre estudei em colégio na área central e sempre foi um ensino de qualidade. Apesar de ser uma escola pública os professores dessa escola estavam ali há muito tempo, então eram professores com dez, quinze anos de casa, formados em federais. Então eu acho que foi um diferencial também, ter uma escola pública com qualidade, tinham as

dificuldades é claro, que são inerentes, mas foi relativamente bom o ensino médio e ensino fundamental em colégio público. (“Medicina 1”)

Eu conheci mais (a universidade) pela escola mesmo né, conversando com os colegas e tal, alguns queriam fazer o curso. Mas começou a se tornar plausível mesmo essa possibilidade na passagem de 2008 para 2009, que foi quando eu mudei para o Colégio de Aplicação. Era fevereiro ou março de 2009 e eu nem conhecia o Aplicação e, do nada, eu vi que estavam abertas as inscrições e daí me inscrevi. Aí eu já estava inserido na universidade e comecei a ver o pessoal e conhecer, e foi nesse ano que eu conheci de verdade a UFSC e vi que dava para entrar tranquilo, que o ambiente era legal e que valia a pena. Foi por estar inserido em um colégio que está dentro da universidade que eu realmente percebi que dava para fazer. (“Medicina 2”)

Os determinantes na constituição de uma trajetória de “sucesso” escolar

Quanto ao fato de terem frequentado o Curso Pré-vestibular da UFSC como fator determinante para o ingresso ao ensino superior foram considerados vários aspectos. Dentre eles, a possibilidade de retomar os conhecimentos por defasagem dos conteúdos ministrados em escola pública em comparação com o exigido no exame vestibular. Assim manifesta o entrevistado Engenharia 1: “O cursinho também ajudou bastante porque tinham umas matérias que estavam meio defasadas no colégio”. E, também, os entrevistados “Direito 1” e “Direito 2”, respectivamente: “o cursinho é super importante, é muito importante, pelos menos pra gente que vem de escola pública”. “O cursinho que é muito bom por sinal. Os professores são muito bons e a grande maioria deles dá aula nos cursinhos particulares, hoje em dia, de Florianópolis.

Dentre outros fatores considerados como de importância foi o diferencial que o Curso representa, como trazem os entrevistados:

Acho que o acompanhamento completo do cursinho, né, porque tem a questão de que, primeiro ele é focado para federal, então tem um (diferencial). É diferente sabe, porque os professores conhecem muito bem o estilo da prova, eles conhecem o que estão fazendo. [...] A preparação, porque o cursinho, pelo menos aqui em Joinville, é uma espécie de família, não era aquela coisa de o professor e o aluno, não. Eles realmente, eu (para mim) principalmente, eles davam muito espaço e eu aproveitava muito esse espaço: tirar dúvida antes da aula, intervalo, depois da aula, eles realmente tentavam trazer proximidade. (“Medicina 1”)

o cursinho foi bom, ajudou muito a revisar e me acalmar também. E também para poder encontrar outras pessoas porque eu ficava sozinha o dia inteiro estudando. Eu sei que os primeiros meses de 2010 foram ruins porque o meu rendimento era menor e eu ficava sozinha, eu acho que não falava com ninguém. [...] Eles (o cursinho) ajudaram muito, (me) deixaram mais calma, eu sempre ficava muito nervosa em provas, trabalhos e coisas assim. Acho que se não tivesse cursinho não teria passado, teria tido mais dificuldade, teria ficado sozinha. (“Medicina 3”)

Os entrevistados em seus relatos reconhecem que os esforços por eles empreendidos se constituem como um dos fatores determinantes para o ingresso no ensino superior. Por meio dos relatos trazidos, são eles pessoas com alta capacidade de traçar e cumprir com seus objetivos e, portanto despenderem de esforços quase sobre humanos para chegarem onde se propuseram. Apesar das dificuldades que vão desde a questão socioeconômica e conseqüentemente a defasagem cultural passando por incluindo-se aí o hiato entre o seu nível de conhecimentos

escolares e o que é exigido para o rompimento da barreira do vestibular os entrevistados mostram condições de superação conforme pode-se observar nos relatos:

a carga horária de estudos (necessária para vencer o vestibular), por que medicina é um curso que a concorrência é muito elevada, então tem que estudar muitas horas fora e correr atrás. (Medicina 1)

o meu esforço também foi grande, mas é o que eu sempre falo, a meritocracia só vem quando você tem uma estrutura por traz, quando você tem alguma coisa que ampare, uma estrutura que te erga, uma estrutura que te edifica que te possa levar a frente para que você conquiste o teu objetivo. (Direito 3)

As horas de estudos foram determinantes porque na época eu tinha a tarde livre a partir das três horas eu saía do trabalho e vinha caminhando do centro até a UFSC, daí ficava estudando a tarde toda e depois eu ingressava no cursinho (Direito 2)

Eu acho que tudo se decidiu praticamente no terceirão mesmo em 2009 que foi o ano que eu me dediquei mesmo para estudar. Um ano antes em 2008 tinha trabalhado meio período e estudado outro meio e tinha sido bem corrido, um ano que eu não tinha aproveitado muito dos estudos, aí no terceiro que eu consegui me dedicar exclusivamente a estudar, foi um ano que serviu para aprender tudo que eu usei no vestibular então foi fundamental assim. (Medicina 2)

Na caminhada pela busca do sucesso no vestibular os entrevistados trazem como determinante o compromisso, a capacidade empática e o apoio que tiveram por parte de alguns professores que fizeram parte da sua formação educacional básica e do Curso Pré-vestibular da UFSC. Sabe-se da importância do papel do professor quanto ao seu envolvimento na trajetória dos estudantes interessando-se por eles, apoiando-os, ouvindo suas dúvidas e inquietações não somente no que tange ao aprendizado, mas como pessoas em formação prestes ingressarem na vida adulta. Bourdieu (1998) fundamenta esta questão quando afirma que determinados agentes sociais, no presente caso os professores, possuem mecanismos capazes de influenciar significativamente quanto a mudanças de trajetórias, em se tratando de jovens cujo os pais não possuem ou possuem baixo nível de capital social, econômico e cultural a figura e o papel do professor tomam uma dimensão diferente do que em famílias privilegiadas socioeconomicamente. Este torna-se um modelo de identificação a ser seguido e, portanto ultrapassa os modelos familiares quanto ao ideal de adulto que o jovem almeja para o seu futuro, como demonstra o entrevistado Medicina 1: “Eu tive minha vida mudada pelos meus professores e gostaria de poder fazer o mesmo por alguém”

As verbalizações dos entrevistados, a seguir, legitimam a fala de Bourdieu (1998), quando afirmam: “[...]a dedicação dos profissionais com quem eu trabalhei, dos professores com quem eu trabalhei, isso para alguns não é tão importante, mas para mim foi bem importante”. (Engenharia 1)

E mais:

Acho que o determinante foi realmente a preparação, porque o cursinho, pelo menos aqui em Joinville, é uma espécie de família, não era aquela coisa de o professor e o aluno, não, eles realmente, eu principalmente eles davam muito espaço, eu aproveitava muito esse espaço, tirar dúvida antes da aula, intervalo, depois da aula, eles realmente tentavam trazer proximidade, muitas vezes eu acho que é até uma carência deles por trabalharem na rede privada e não terem essa liberdade lá, então eles aproveitavam e

contavam as histórias pessoais e realmente era uma família, foi uma experiência muito marcante, eu acho que eu fiz amizades que eu levo até hoje. (Medicina 1)

[...] aí depois com os professores, eles incentivavam e (eu) conversava com outras pessoas, então eu acho que por esse fator e na hora do vestibular mesmo, eu lembro que o coordenador do nosso curso era muito presente, então ele sempre estava conversando com a gente. (Medicina 3)

Com referência ao apoio da família, as falas revelam o quão fundamental se fez na trajetória dos entrevistados. No presente caso, com exceção de um caso, foram encontradas famílias com estrutura convencional, com no máximo até três filhos, sendo que a média composta por pai, mãe e dois filhos. Observa-se na maioria dos casos uma valorização dos estudos uma vez que as famílias vêm o prolongamento da escolarização como uma única possibilidade de ascensão social para seus filhos.

As falas abaixo ilustram:

Bom, eu acho que muito eu devo a minha mãe né, muito eu devo a minha mãe, porque eu não posso tirar esse mérito dela, ela trabalhava na pedra da fonte praticamente e ela me possibilitou eu ter subsídios suficientes para conseguir passar no vestibular assim como também de me manter aqui na faculdade. Outra pessoa que eu credito muito, uma mulher que se chama Margarete, é umas das melhores amigas da minha mãe que eu tenho ela como minha terceira mãe, ela fez inclusive o Mestrado na Educação, ela é formada em Ciências Sociais e ela é minha grande mentora intelectual, ela que me instiga academicamente, vamos dizer assim, e ela é o meu referencial, mas claro isso é ponto pacífico, eu credito a minha mãe [...] a estrutura toda foi a minha mãe sim e outras pessoal pontualmente, mas num protagonismo mais reduzido. (Direito 3)

O apoio da família que permitiram eu não trabalhar nesse ano e me ajudaram a fazer o ensino médio de manhã no Aplicação (colégio) e o cursinho a noite, e aí justamente por poder me dedicar exclusivamente e conseguia aproveitar o cursinho ao máximo né, o cursinho te da quatro apostilas gigantes, se você tiver tempo para fazer tudo consegue ir bem, só que não adianta ter a disponibilidade do recurso e não poder aproveitar eles, então foi um mix disso, de poder ter a disposição o que o cursinho e a escola ofereciam e ter tempo disponível para fazer. (Medicina 2)

Por outro lado, há casos de famílias que contrariam esta posição na expectativa que seus filhos ingressem no mundo do trabalho durante ou após a conclusão do ensino médio. Além disto, contraria a teoria de que em famílias onde pai ou mãe exercem o magistério a tendência é de que os filhos possuam mais acesso aos bens culturais e, conseqüentemente, prolonguem a sua escolarização. No caso citado o pai, professor no ensino médio, exigiu que a filha ingressasse no mercado de trabalho com 14 anos de idade, o que ocorreu. Ainda, se a filha optasse por prolongar os estudos o pai aceitaria, mas sob condições: que a mesma frequentasse um curso universitário de sua (do pai) vontade, Pedagogia ou Serviço Social em universidade privada. O caso refere-se a estudante Engenharia 1 que ilustra: “Meus pais sempre foram contra, eu nunca tive apoio desde que eu decidi isso (choro). Sempre foi um sonho complicado de obter sucesso”.

O ingresso em cursos superiores de prestígio social como fator de mudança na vida dos estudantes

Ao revelarem suas expectativas profissionais futuras os estudantes demonstram traçar grandes objetivos, confirmando o desejo de romper com o seu “destino social”.

Eu quero me formar, eu quero passar na prova da OAB, porque a gente ainda tem isso né, tem que aguentar mais esse perrengue da prova da OAB e quero fazer um concurso para promotora, são as minhas ambições. Ah, e poder ter uma vida diferente né, poder ter uma vida melhor do que eu tenho hoje. (Direito 1)

Ingressar no mundo do trabalho se constitui como no principal objetivo dos estudantes entrevistados, as necessidades inerentes ao seu grupo social levam a uma urgência pela empregabilidade. Até o presente momento, visando conquistar uma vaga e sua manutenção no ensino superior, os estudantes lutaram com dificuldade, afimco e disciplina, abdicando de necessidades básicas essenciais em nome de seu objetivo maior. A fala a seguir ilustra bem: “Logo que sair talvez não, logo que sair eu vou precisar adquirir um emprego para me manter, meus pais já estão meio que com um limite para me manter, logo que eu sair eu tenho que conseguir um emprego”. (Engenharia 3)

Uma forma de ingresso no mundo do trabalho que tem sido altamente valorizada pela juventude brasileira, principalmente os que cursam o ensino superior, são os concursos públicos, visando assumirem cargos públicos e tendo como motivação a busca pela estabilidade financeira, como demonstra o relato do entrevistado Direito 2: “Eu pretendo fazer concurso público assim que eu terminar a faculdade, o curso de Direito”. Ao que acrescenta o estudante Direito 3: “Pretendo fazer concurso público, eu não me vejo trabalhando na iniciativa privada”.

O prolongamento da escolarização evidencia-se, em unanimidade, como um desejo, constituindo-se desde já como projeto de vida, como revela o entrevistado Direito 3: “eu quero fazer Mestrado, eu quero fazer Doutorado, se possível também queria fazer uma nova graduação, queria fazer Ciências Sociais após fazer Direito [...] então, é um objetivo para uma vida inteira, estudar”. E complementando a questão o estudante Engenharia 3 refere: “Eu quero me formar em Engenharia, pretendo fazer um Mestrado ou Economia, após a Engenharia, passar num estrado ou num outro curso, MBA talvez, hoje quem pára fica para trás”.

Fica claro o desejo pelo exercício pelo compromisso social da profissão, em alguns casos pela necessidade de reparação (BOHOSLAVSKY, 1987), de outro modo, devolver a si mesmo e também ao seu núcleo social elementos que se constituem como faltas. Estas, não necessariamente materiais, mas objetos internos que fizeram ou fazem parte da sua constituição como pessoa. Assim explicita o estudante Medicina 1: “Eu quero trazer também retorno, ser um bom profissional e poder exercer uma profissão da maneira correta e poder também ter uma parte social, trabalhar no SUS e trazer um retorno social por um bom profissional”. Complementam a questão os entrevistados Medicina 2 e Medicina 3, respectivamente: “Depois de me formar pretendo trabalhar um ou dois anos com atenção primária, trabalhar em posto de saúde essas coisas e depois tentar fazer prova de residência e aí seguir a carreira”. “Eu sempre quis trabalhar

na África por algum tempo pelo Médico “Sem Fronteiras”, eu acho que seria uma experiência bem interessante”.

Considerações finais

O Curso Pré-vestibular da UFSC representa um mecanismo facilitador no processo da busca pelo ensino superior por jovens que não possuem condições financeiras para custear uma preparação para o exame vestibular, uma vez que este “dispositivo meritocrático” exige conhecimentos que as escolas frequentadas, segundo os estudantes pesquisados, não confere.

Os jovens entrevistados entendem a preparação para os exames vestibulares como fundamentalmente necessária, uma vez que julgam esse dispositivo como excludente e essencialmente meritocrático que só faz reproduzir, do ponto de vista da escolarização, o sistema socioeconômico vigente. As contundentes críticas apontam para a necessidade de uma efetiva transformação do sistema público educacional brasileiro no que tange à educação básica, e da extinção do exame vestibular. Assim, o processo educacional se tornaria mais igualitário e justo na medida em que todo cidadão tem o direito ao acesso a uma educação de qualidade e que possibilite uma democratização do ensino superior.

Os fatores considerados como determinantes para o ingresso no curso superior enfocam questões de responsabilidade do estudante, como esforço próprio, o que reproduz o discurso de uma sociedade que se funda nos princípios meritocráticos, atribuindo as oportunidades unicamente aos esforços despendidos por cada indivíduo. Cabe esclarecer que não pretende-se, no presente estudo, tecer uma crítica primária ao mérito, mas questionar, visando possibilitar a reflexão acerca da operacionalização da meritocracia. No presente caso os estudantes não possuem ou possuem insuficientes oportunidades de serem meritosos, pelas condições de vida que os cercam desde o seu nascimento. Outras questões tidas como determinantes para o ingresso no ensino superior centram-se no apoio da família, na capacidade empática e o apoio dos professores e, terem frequentado o Curso Pré-vestibular da UFSC.

A conquista por uma vaga em um curso superior de maior demanda em uma universidade legitimada como de prestígio social causou nos entrevistados sentimento de orgulho de si, auto-estima elevada e auto-realização, podendo-se caracterizar o ingresso à universidade como uma superação da sua condição pessoal e familiar. Os mesmos sentimentos positivos se manifestam nos familiares dos jovens pesquisados, uma vez que há a mobilização do grupo na busca de um objetivo que ultrapassa as expectativas familiares e sociais se constituindo como um desafio quase intransponível e audacioso. Assim, ao ser alcançado, representa o coroamento de todo um esforço material e emocional investido pelo grupo familiar.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins fontes, 1977.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação Vocacional – A estratégia clínica*. 7a ed. São Paulo. Martins Fontes, 1987.

BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.). Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. Trad: Ione Ribeiro Valle. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Injustiças**. Título original: *Injustices. L'expérience des inégalités au travail*. Tradução: Valle, Ione Ribeiro. Paris: Éditions du Seuil, 2006. (no prelo).

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e Escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000.

VALLE, I. R. Justiça na escola: Das desigualdades justas à igualdade sem adjetivos! In: VALLE, Ione Ribeiro, Vera Lúcia Gaspar; DAROS, Maria das Dores. **Educação Escolar e justiça social**. Florianópolis: UFSC/NUP, 2010^a. p. 19-48.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, v. 11, n. 32, mai./ago. 2006b. p. 226-237.

